UMA QUEDA GERAL DO CRESCIMENTO. MAS NÃO DA CONSTRUÇÃO

Na maior parte dos setores, a atividade desacelerou no segundo trimestre. Na construção não houve mudanças significativas e o setor continua a crescer de forma expressiva, com investimentos em infra-estrutura e com mais crédito habitacional

Ana Maria Castelo

NO SEGUNDO trimestre, a produção industrial e o comércio pararam de crescer. Mas o desempenho negativo observado na comparação com o trimestre anterior representou muito mais uma acomodação do que uma mudança de direção. Essa acomodação era esperada a partir da retirada dos estímulos a alguns setores industriais, notadamente o automotivo. Assim os números mais modestos, alguns negativos, registrados na grande maioria das atividades não surpreenderam e trouxeram até certo alívio ante a certeza de que não dava para prosseguir no forte ritmo do primeiro trimestre. Com a elevação dos estoques, houve também diminuição da pressão dos preços, dando oportunidade à autoridade monetária de interromper o ciclo de alta dos juros. Mas o segundo semestre deve trazer novamente números positivos, alimentados pelo crescimento contínuo do emprego e da renda das famílias bem como pela expansão do crédito.

Emprego e renda

Após o resultado extraordinário do primeiro trimestre – com taxa de crescimento superior a 6% na comparação com o último trimestre de 2009 -, a indústria enfrentou três meses consecutivos de retração, acumulando queda no segundo trimestre de 2% em relação ao primeiro, já descontados os efeitos sazonais. Desde fevereiro, a sondagem industrial da FGV acusa uma elevação de estoques na indústria, que atingiu seu nível mais elevado em junho. A desaceleração foi ampla, com reflexos em todas as categorias, inclusive na de bens de capital. Mesmo com o resultado do segundo trimestre, o crescimento acumulado no ano atingiu 16,2% ante o mesmo período de 2009.

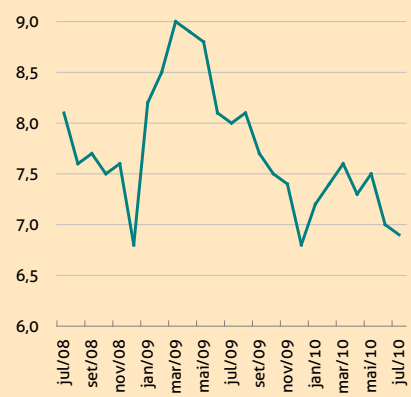
O emprego industrial seguiu crescendo e registrou elevação de 1,5% no segundo trimestre na comparação com o trimestre anterior, descontados os efeitos sazonais. Da mesma forma, a taxa de desocupação manteve sua trajetória de declínio e alcançou, em junho e julho, seu nível mais baixo para o mês, desde o início da pesquisa do IBGE. O rendimento médio real efetivamente recebido registrou crescimento de 2,15% no ano até julho, na comparação com o mesmo período de 2009.

No comércio varejista ampliado, o volume de vendas registrou queda de 1,89% no segundo trimestre em relação ao primeiro. A queda mais intensa se deu nas vendas da indústria automotiva. No ano, o crescimento acumulado do comércio varejista ampliado é de 11,8%.

A indústria e o comércio de materiais de construção também terminaram o semestre apresentando uma desaceleração. Ainda assim, os números do semestre registram taxas expressivas: a indústria fechou com crescimento de 19,78% em suas vendas para o mercado interno, na comparação com o primeiro semestre de 2009. Por sua vez, o volume de vendas do comércio va-

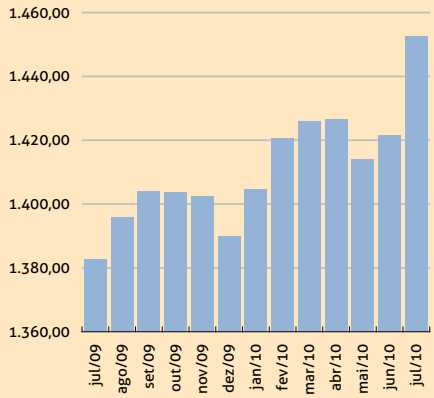
Taxa de desemprego (%)

Fonte: IBGE



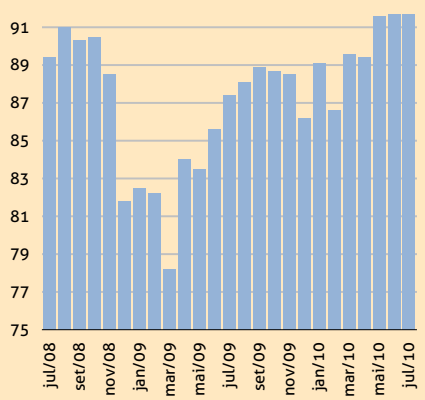
Renda média real (R$)

Fonte: IBGE



Utilização na indústria da construção (%)

Fonte: FGV



rejista apresentou aumento de 16,11% na mesma comparação. Em julho, a indústria voltou a registrar crescimento nas vendas para o mercado interno e segue com níveis elevados de produção. A sondagem da FGV apontou que o nível de utilização da capacidade da indústria de materiais segue em patamares recordes.

Com o emprego e a renda em elevação, é de esperar que o ciclo de crescimento retome sua trajetória, ainda que não volte a registrar taxas da mesma magnitude das observadas no primeiro trimestre. Deve-se notar, no entanto, que, nas comparações com 2009, as taxas de crescimento vão começar a diminuir na medida em que a base de comparação começa a incorporar o período em que a economia começou a se recuperar.

Emprego na construção

A construção manteve no segundo trimestre o ritmo bastante intenso observado nos três primeiros meses. É isso que indica a pesquisa da **FGV/Sinduscon-SP**, realizada a partir dos dados do Ministério do Trabalho e Emprego. De acordo com a pesquisa, houve aumento de 5,1% no número de trabalhadores com carteira na construção no segundo trimestre, na comparação com o primeiro trimestre, e de 16,0% na comparação com o mesmo trimestre de 2009. Neste ano, até junho, o crescimento chegou a 14,51% em relação ao mesmo período do ano passado.

Embora os bons ventos continuem soprando favoravelmente para o setor em todas as regiões do país, destaca-se, indiscutivelmente, o desempenho extraordinário do Nordeste, onde o emprego com carteira registrou a maior elevação no segundo trimestre: 7,4% na comparação com o trimestre anterior. Os números do semestre são ainda mais impressionantes: 25,97% contra o mesmo período de 2009. No Piauí, no Ceará, em Alagoas e na Bahia, o crescimento é superior a 30%. O Programa Habitacional Minha Casa, Minha Vida e a expansão do crédito habitacional respondem por parte importante desse desempenho, mas investimentos em infra-estrutura e na estrutura produtiva industrial também têm contribuído para o maior dinamismo da região. É possível ainda que, junto ao movimento de expansão, esteja ocorrendo uma maior formalização da força de trabalho regional.

Em contraste, a taxa de crescimento no semestre ficou um pouco abaixo da média do país no Estado de São Paulo, com 12,2%, com uma redução expressiva no volume de contratação em maio e junho. O segmento imobiliário mostrou uma redução no ritmo de crescimento a partir de maio, e o segmento de infra-estrutura passou a acusar redução do emprego desde abril, refletindo o término de várias obras de porte, como as do Rodoanel e as do Metrô. A redução das contratações na área imobiliária pode estar associada ao movimento observado no final de 2008 e início de 2009, quando a crise financeira determinou uma redução brusca nas vendas e nos lançamentos imobiliários. Como em seguida já se assistiu uma recuperação, os números dos próximos meses devem refletir o início de novas obras.

Custos

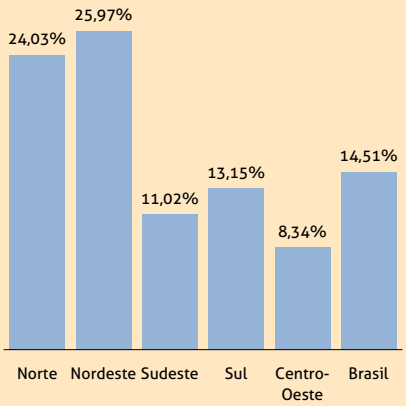
Depois da aceleração dos primeiros meses do ano, os custos das construtoras passaram a crescer em ritmo menor. Houve uma redução expressiva nas taxas de julho e agosto em decorrência da pressão menor sobre os preços da mão de obra e da cesta de materiais e equipamentos. O INCC-M registra elevação de 6,18% até agosto. Nesse período, a maior contribuição para o encarecimento dos custos de construção veio da mão de obra, que subiu 8,02%. A maior parte das capitais que compõem o índice já teve suas negociações salariais encerradas – apenas o Recife e Belo Horizonte, que têm data-base em outubro e novembro, respectivamente, ainda deverão fecharam acordo em 2010.

Além da mão de obra, a cesta de materiais também passou a apresentar uma desaceleração importante, contribuindo para a menor taxa do índice geral. A taxa média de aumento foi de 0,43% em julho e agosto, contra uma taxa de 0,78% no bimestre anterior. De todo modo, os materiais registram no ano elevação muito acima da observada no mesmo período de 2009, quando a redução do IPI e a demanda desaquecida favoreceram a queda nos preços. O aumento no ano atingiu 4,29%, ante uma queda de 2,22% no mesmo período de 2009.

O componente de serviços do índice foi o único que voltou a se elevar em agosto e encerra o período de oito meses do ano com elevação de 5,33%.

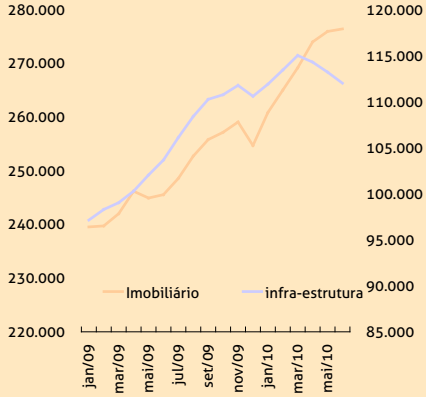
Crescimento do emprego na construção em 2010

Até junho, contra mesmo período ano anterior.
Fonte: MTE, FGV/Sinduscon-SP



Emprego da construção paulista

Fonte: MTE, FGV/Sinduscon-SP



INCC-M, % ao mês

Fonte: FGV

